



OUTROS 500 – UMA RELEITURA DA REFORMA PELA ARTE

Other 500's – A rereading of the Reformation through art

Sônia Ingrid Kanitz*
André S. Musskopf**
Marcia Blasi***

Resumo: O artigo apresenta as obras produzidas para a exposição “Outros 500” que foi instalada na Faculdades EST durante o V Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. Através da releitura de pinturas contemporâneas à Reforma, as novas pinturas expressam a utilização de princípios epistemológicos da área dos estudos de gênero, questionando papéis tradicionais e apontando para outros conhecimentos produzidos no campo teórico, político e pictórico. Elas têm o intuito de refletir sobre o impacto do movimento da Reforma Protestante e perguntar por desafios ainda pendentes considerando questões da conjuntura atual. Às imagens das pinturas são acrescentados textos que não têm como objetivo descrever a pintura, mas estabelecer um diálogo e aprofundar os elementos expressos na arte. Não pretendem fechar as leituras possíveis que as imagens suscitam, mas promover uma conversa entre imagem e texto. Por esse motivo, o material aqui apresentado em forma de artigo não tem uma conclusão, mas um convite à leitora e ao leitor para que construam suas próprias ideias e perspectivas.

Palavras-chave: Reforma. Arte. Gênero. Sônia Ingrid Kanitz.

Abstract: The article presents the paintings produced for the exhibition “Other 500's” installed at Faculdades EST during the V Latin American Congress on Gender and Religion. Through the rereading of paintings contemporary to the Reformation, the new paintings express the use of epistemological principles from the field of gender studies, questioning traditional roles and pointing to other knowledges produced in the theoretical, political and pictorial field. They intend to reflect about the impact of the movement of the Protestant Reformation and ask about the challenges still pending considering the current context. To the images of the paintings texts are added that do not intend to describe the painting, but establish a dialogue and deepen the elements expressed through art. They do not intend to close the possible readings that the images evoke, but promote a conversation between image and text. For this reason, the material here presented in the format of an article does not have a conclusion, but an invitation to the reader to construct his and her own ideas and perspectives.

Keywords: Reformation. Art. Gender. Sônia Ingrid Kanitz.

* Graduada em Artes Plásticas, com Licenciatura em Educação Artística pela FEEVALE, em Novo Hamburgo, e Educação Cristã no antigo IS CET na EST. Possui pós-graduação em Arteterapia pela FEEVALE e atuou profissionalmente em escolas e comunidades nas áreas de Artes e Ensino Religioso até se aposentar. Atualmente se dedica integralmente às artes plásticas. sonia_kanitz@yahoo.com.br

** Doutor em Teologia. Faculdades EST. asmusskopf@hotmail.com.

*** Doutora em Teologia. Faculdades EST. retalhos13@hotmail.com.



Introdução

O ano de 2017 marca os 500 anos da Reforma Protestante. A data tem sido motivo de celebrações, de produções acadêmicas nas mais diversas áreas, de debates e discussões sobre o contexto, os eventos e personagens que marcaram o período histórico no qual a Reforma se deu. Avaliam-se os resultados e impactos no âmbito da geopolítica, da economia, da cultura, da educação, da religião, da teologia e das relações entre mulheres e homens, bem como os desafios diante dos desenvolvimentos históricos e também considerando o papel do protestantismo na atual conjuntura.

Inspirada em toda essa movimentação e motivada pela realização do V Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião (23-26 de agosto), em São Leopoldo/RS, a artista plástica e arte-educadora Sônia Ingrid Kanitz fez uma incursão nesse universo e emprestou o seu olhar para esse mosaico. Resgatando memórias e aprendizagens, realizando pesquisa no campo da produção artística contemporânea à Reforma e utilizando a sensibilidade crítica feminista para uma análise de gênero, ela revisitou obras consideradas clássicas e propôs-se a uma releitura.

Obras de artistas como Michelangelo, Dürer, Rafael, Leonardo da Vinci, Botticelli e Lucas Cranach, passaram por seu olhar interessado e ganharam novos contornos. Elementos foram trocados, paisagens modificadas, margens e fronteiras transpassadas para criar novas perspectivas e convidar expectadoras e expectadores a processos de estranhamento e reconhecimento. Seu olhar crítico, explicitando questões de gênero, classe social, raça e etnia, geração, entre outras, denuncia situações de injustiça então e agora e anuncia novas possibilidades.

Para olhares mais treinados será possível perceber as intervenções da artista nas obras que se propõe a reler. A contraposição às obras relidas e as informações disponíveis e conhecidas sobre essas obras têm um caráter pedagógico que faz uma incursão na história da arte. Além disso, têm um caráter crítico ao permitir-se questionar determinadas representações que, em muitos casos, mantem-se vivas nas experiências das pessoas ao longo dos últimos 500 anos.

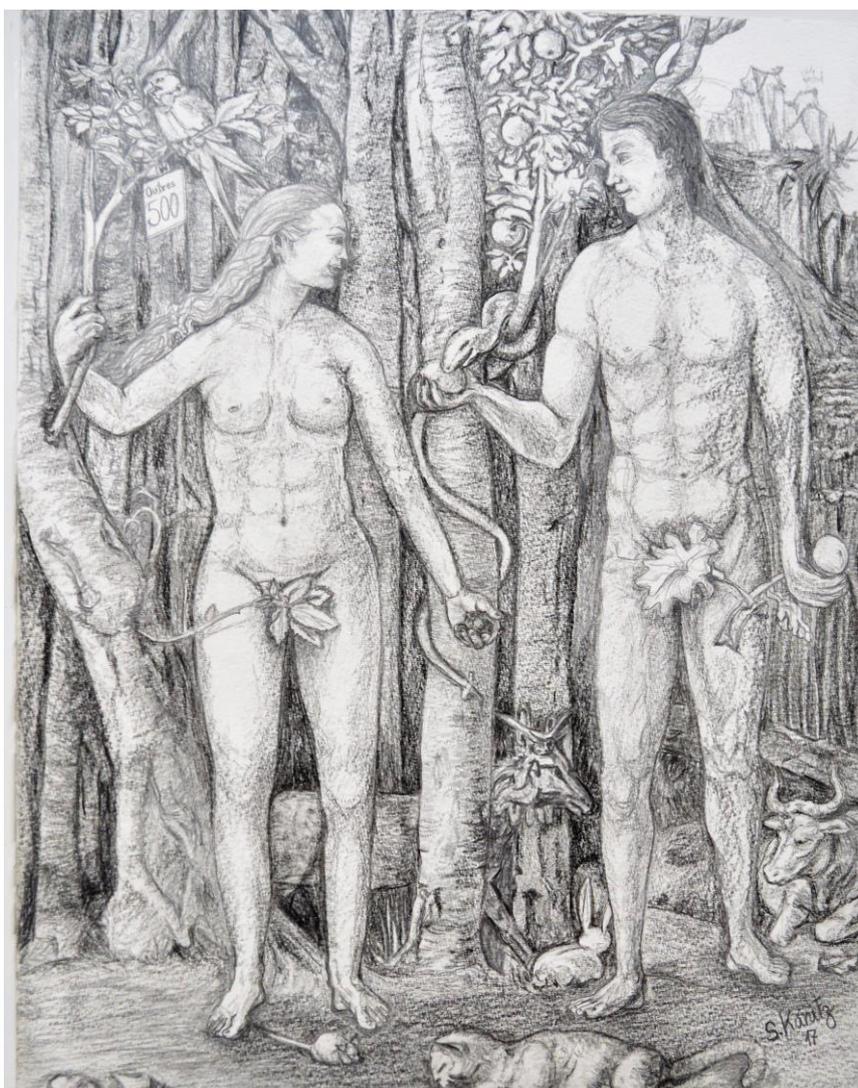
Por outro lado, e essa é a grande contribuição dessa série, as obras produzidas já não dependem mais daquelas a que se propõe reler e representam possibilidades para pensar e construir “outros 500”. Seu caráter pedagógico e crítico, agora, está em apresentar um conjunto de imagens que anuncia novos tempos e novas relações de maneira original, independente e com a força que é própria à produção artística.

No que segue são apresentadas as obras produzidas pela artista, entendidas aqui como



produção de conhecimento teológico numa perspectiva de gênero. A elas são acrescentadas descrições, observações e provocações em forma de texto, as quais também compuseram a exposição instalada na Biblioteca da EST para visitação durante o V Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.

A queda do homem¹



Desenho com grafite. 32 X 41 cm. 2017. Acervo da artista. Fotografia de Edgar Heise.

Desde menina a artista se deparava com o relato da origem do pecado atribuído à mulher (na escola, na família, em livros, na doutrina cristã e em outros). E o homem era colocado como um ser seduzido e vítima desta mulher.

Por causa da autoria deste pecado havia uma conformação generalizada de que a mulher deveria sofrer os castigos e as consequências desta aventura: se submeter à dominação

¹ Releitura da obra “A queda do homem” de Albrecht Dürer, 1504, Xilogravura, série: “O Apocalipse”.



masculina como um ser inferior, sofrer as dores (menstruação e parto), ser propriedade do homem e, portanto, ficar no confinamento doméstico, negação ao prazer etc.

Nesses 500 anos era muito doloroso para uma menina que sonhava em descobrir o mundo e obter sua realização pessoal ter que se confrontar com esta “verdade” tão justificada e aceita por todas as instituições religiosas e formativas. Tratava-se de uma dupla sacanagem com a mulher. Enfiava-se na cabeça dela esta história da origem do pecado e, depois dela acreditar na mesma, ela estava condicionava a viver sob o jugo masculino.

Na releitura a artista realiza a troca de lugares deste casal. E imediatamente a composição recebe uma nova dimensão para a convivência entre as pessoas. Há parceria e prazer entre o casal. A sedução é democrática. As tarefas da busca de sobrevivência são compartilhadas. As oportunidades para evoluir são responsabilidades de ambos. Existe prazer na convivência.

A retratação da natureza na releitura permanece a mesma da obra original. O quadro quer ser uma face otimista dos nossos desejos. Talvez em “outros 500” anos alcançaremos a igualdade de oportunidades e o resgate de que convém ao ser humano viver em maior harmonia consigo mesmo, com os seus e suas semelhantes e com a natureza.

A mulher vitruviana²



Desenho e aquarela. 28 X 28 cm. 2017. Acervo da artista. Fotografia de Edgar Heise.

² Releitura da obra “O homem vitruviano”, de Leonardo da Vinci, 1490, lápis e tinta sobre papel, dimensões: 34 X 24, localização: Gallerie dell’Accademia.



As proporções de um corpo feminino não desejam ser padronizáveis na releitura feita. Cada mulher deseja ser como é. Ela também não se limita a um estereótipo pré-estabelecido ou normatizado dentro de formas geométricas. Enfim, são outros 500.

Ela se liberta e está em busca da sua realização e participação na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O quadro grande representa o espaço em branco que ela deseja ocupar. Ela tem consciência disso. A realidade também mostra que há na mulher uma força muito maior e que vai além do seu próprio ser.

O desejo de liberdade não tem limites.

A juventude eterna³



Acrílica sobre papel. 32 X 41 cm. 2017. Acervo da artista. Fotografia de Edgar Heise.

A artista, ao se deparar com a obra “Fonte da Juventude”, de Cranach, se sentiu desafiada em atualizar a reflexão. Considerou que a lenda de outrora se fez realidade. Após 500

³ Releitura da obra “A fonte da Juventude”, de Lucas Cranach, o velho, 1546, óleo sobre madeira, dimensões: 122,5 X 186,5 cm, localização: Gemäldegalerie, SMPK, Berlim, Alemanha.



anos é possível dar uma aparência física juvenil por maior tempo de vida a uma pessoa. Porém, não numa fonte de água, mas através de cirurgias plásticas.

A artista questiona a motivação e o sentido de pessoas quererem se manter sempre jovens. Existem de todas as classes sociais. As cirurgias plásticas são caras e onerosas. O sistema público de saúde só custeia plásticas que são necessárias para a sobrevivência de doentes. Então as pessoas investem o que podem pela cultura. As pessoas mais abastadas podem se submeter a várias cirurgias e ficar com uma aparência desejada. A maioria das pessoas é contaminada pela ilusão da eterna juventude. Então, também as pessoas que não têm dinheiro buscam sistemas de crédito para financiar cirurgias plásticas.

A autora, por opção, só reproduziu representações femininas para permanecer dentro da proposta do pintor original. Depois de 500 anos esta cultura continua tendo um viés machista, mas o próprio homem também se colocou e se tornou refém dela.

A criação da mulher⁴



Acrílica sobre papel. 30 X 41 cm. 2017. Acervo da artista. Fotografia de Edgar Heise.

Na *Criação da Mulher* há a uma releitura da *Criação de Adão*, de Michelangelo Buonarroti, dando ênfase às mulheres em sua diversidade de experiências. O ser criador na pintura está representado por uma senhora madura.

⁴ Releitura da obra “A criação de Adão” de Michelangelo Buonarroti, 1508–1512, afresco, localização: teto da Capela Sistina, Roma, dimensões: 280 X 570.



A representação não pretende apenas reverter uma visão unilateral atribuindo um gênero específico à divindade. Numa perspectiva feminista e na própria tradição bíblica, Deus também é representado como quem cria, protege e cuida de suas filhas e filhos, sendo comparável a uma mãe ou a um pai que também quer o bem de seus filhos e de suas filhas.

As figuras de mulheres no lugar de homens visam a provocar a reflexão sobre as formas de representar Deus. A transformação e o empoderamento das mulheres não são atos individuais, mas coletivos. Por isso, a representação traz na sua comitiva junto com a deusa as várias figuras que representam a variedade de raças e etnias. Há uma intenção de inclusão.

Será oportuno observar como os *homens* apreciarão esta obra. A arte deseja provocar a sensibilização nas pessoas. Um mundo mais sensibilizado levará a uma humanização maior. Faltou muita humanidade ao longo da história, principalmente com as mulheres e, muito mais, com as mulheres negras. *O espectador homem* talvez se sinta “excluído”, tendo uma noção do que a mulher passa quando não é considerada com igualdade. A arte tem o dom de fazer as pessoas se colocarem no lugar de alguém, pensar e se transformar.

O nascimento de Vênus⁵



Acrílico sobre papel. 30 X 41 cm. 2017. Acervo da artista. Fotografia de Edgar Heise.

⁵ Releitura da obra “O Nascimento de Vênus” de Sandro Botticelli, 1483, têmpera sobre tela, 172,5 X 278,5, localização: Galleria degli Uffizi.



Em outros 500 anos a artista propõe olhar com naturalidade o nascimento e a inclusão de todas as pessoas, sem distinção. Na obra ela representa uma pessoa diversa em sua identidade e expressão sexual e de gênero.

Na obra original, de Botticelli, a deusa que acolhe Vênus é Hora. Nesta releitura a pessoa quer representar a sociedade. Ela acolhe as pessoas em sua diversidade sexual e de gênero, dispondo-lhe o manto, não para cobrir sua nudez e nem como gesto de desaprovação de como veio ao mundo, mas para legitimar o movimento do qual faz parte (LGBT).

Ela o faz numa intenção de honra e dignidade. Não se sabe de onde veio. Apareceu na praia trazida por uma concha. A concha tem sentido metafórico, representa a vagina. A concha, na mitologia, veio com a força do sopro do vento. Flores voando e a concha chegando com a força das ondas do mar. A origem não deve ser a preocupação.

A releitura destaca com muita sensibilidade a beleza da pessoa. As flores, a cor rosa e a pose física são provocações. A sociedade tem o desafio de aceitar as pessoas como elas são e aprender a conviver respeitando-se mutuamente.

As três graças brasileiras⁶



Desenho e aquarela. 28 X 28 cm. 2017. Acervo da artista. Fotografia de Edgar Heise.

⁶ Releitura da obra “As três graças” de Rafael, 1504, óleo sobre painel, dimensões: 17 X 17, localização: Museu Condé, Chantilly.



A tríade da mulher brasileira é a representação da diversidade que existe em nosso país. Uma indígena, outra negra e outra mulata.

Os conceitos de beleza e graciosidade que existiam são contestados. São outros 500. Pode-se visualizar outra beleza na mulher brasileira. É graciosa sim, mas, tem mais o que fazer. Está vestida e utiliza adornos tradicionais de sua etnia. Há espaço e aceitação para quem é diferente.

O fruto do pecado é substituído pelo livro. A alcova escura ficou para trás. Seu desejo é maior. Seu prazer também. Ela deseja o conhecimento e sua autorrealização. E, para isso, se coloca à luz da sabedoria e se orienta. Precisa batalhar. Nada lhe vem de graça.

O estuprador da democracia⁷



Pastel e acrílica. 41 X 28 cm. 2017. Acervo da artista. Fotografia de Edgar Heise.

No contexto da cultura machista é muito comum ver, ainda hoje, senhores idosos com considerável poder econômico sair de uma relação matrimonial antiga e buscar outra relação com uma mulher muito jovem. Isso dá a ilusão a si e aos outros do mesmo tipo de pensamento, maior

⁷ Releitura da obra “Parella Amorosa Desigual” de Lucas Cranach, o Velho, 1517, óleo sobre madeira, dimensões: 27,3 X 18 cm, localização: Museu Nacional de Arte da Catalunha.



prestígio social e status econômico. A mulher jovem, por sua vez, vê nesta relação a possibilidade de ascensão social rápida. Logo lhe fica assegurado o mesmo prestígio social de seu companheiro idoso e o desfrute econômico nesta relação.

Isso não mudou nesses 500 anos.

Porém, a releitura da artista não tem interesse em retratar esta relação de idades desiguais. Não lhe interessa o que cada pessoa faz na sua vida privada. As pessoas têm liberdade de se relacionar com quem quer que seja.

O que está em jogo aqui é a impunidade de um governo que impõe altos impostos a seus trabalhadores e suas trabalhadoras, rouba e se beneficia da máquina pública sem se importar com a desigualdade social que provoca com o seu plano de governo, beneficia os grandes empresários e retira da classe trabalhadora, sem lhe consultar ou dialogar, o que lhe é de direito conquistado.

É um protesto contra o atual governo. Um governo que trata o seu povo sem respeito, abusando, subjugando, roubando e oprimindo lembra o perfil de um estupro. E o povo, por sua vez, sente-se envergonhado, oprimido, apático e humilhado como a mulher que é vítima de um crime como esse. O povo não foi ouvido. Sequer considerado. Forçam-no a aceitar o que não deseja. E o opressor não tem sentimentos para com a sua presa. Ele toma à força para si o que deseja. E, se por ventura, vir a ser ameaçado por algum ato judicial, negocia sua própria impunidade com outros estuprodores impostores de uma democracia apoiados por uma elite que tem o mesmo espírito.

Referências

ACKER, Teresa van. *Renascimento e Humanismo*. São Paulo: Atual Editora, 1992.

BURKE, Peter. *O Renascimento italiano: cultura e sociedade na Itália*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

COLOMBIER, Pierre du. *História da Arte*. Porto: Tavares Martins, 1968.

EGGERT, Edla (Org.). *[Re]leituras de Frida Kahlo: Por uma ética estética da diversidade machucada*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.